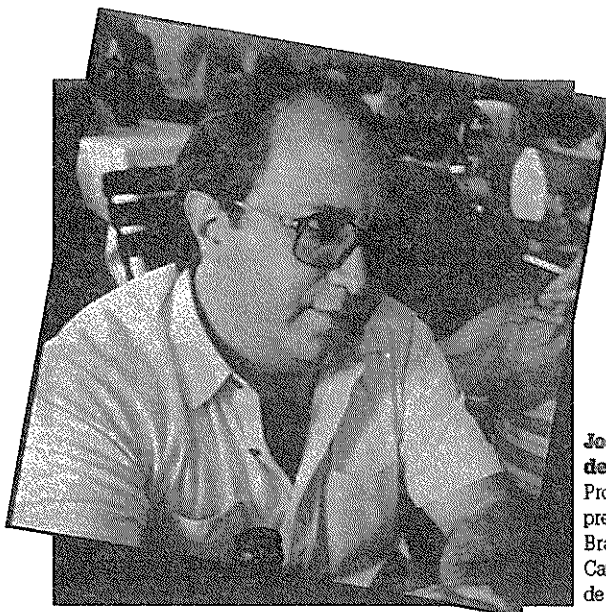


A Jornada em Relatos

Personalidades intimamente ligadas à história da Jornada e respeitadas no ambiente cinematográfico dão depoimentos sobre os 22 anos deste evento-movimento, aproveitando o caráter de memória deste ano, em razão do centenário do cinema.

Suas palavras dão idéia da convicção e da determinação que foram necessárias para que a Bahia, inicialmente, e depois os aficcionados da sétima arte em todo o mundo, tivessem acesso a um festival que, com o passar dos anos, apresenta trabalhos de nível cada vez mais elevado.

Nesta página e nas seguintes, leia os depoimentos de Chico Liberato, Cosme Alves Netto, Rudá de Andrade, José Tavares de Barros, Denoy de Oliveira e Thomas Farkas.



José Tavares de Barros
Professor, cineasta, presidente da OCIC - Brasil (Organização Católica Internacional de Cinema)

Um olhar sobre a Jornada

José Tavares de Barros

Minha relação com a Jornada de Cinema da Bahia, em quase todos os anos da sua já longa trajetória, aconteceu, em primeiro lugar, num nível que eu chamaria de institucional. Estive em Salvador como representante da Universidade de Minas Gerais, na qualidade de presidente do Centro de Pesquisadores do Cinema Brasileiro e também como integrante da área cultural e membro do Conselho de Administração da Embrafilme, que prestigiou muitas vezes o evento, ainda que de forma irregular. Sob o enfoque da política cultural cinematográfica, a Jornada prestou grandes benefícios ao cinema nacional. Recordo a discussão em torno do espaço a ser reservado ao curta-metragem, reunindo na época autoridades do INC e integrantes das ABDs apenas nascidas. Presenciei momentos de inflamados debates, muitos deles conduzidos pelos ventos da paixão e dos preconceitos, a maioria deles culminando em programas e resoluções que mudaram os rumos do pensar, fazer e ensinar cinema no Brasil. Para dar um exemplo concreto, começaram numa das Jornadas as negociações entre os governos brasileiro

e canadense das quais resultaria a implantação do Centro Técnico Audiovisual, que tantos serviços prestou ao cinema de animação.

Mas refiro-me com prazer ainda maior ao plano das relações pessoais, carregado de vivências que o tempo não apaga. Foi na Bahia que aprofundei minha amizade com o Paulo Emílio e com o Alex Viany. Quero lembrá-los para homenagear neles os muitos frequentadores da Jornada que já nos deixaram. Houve ainda momentos de grande emoção, como a notícia que a voz embargada do Guido Araújo nos deu certa noite, sobre o golpe que derrubou de uma vez o governo Salvador Allende e nossas utopias democráticas. Mas a seu modo a Jornada se vingava das ditaduras daqueles anos de chumbo, propiciando a exibição de filmes proibidos e perseguidos pela censura. Além do mais, nos jardins e no auditório do ICBA, promovia o conagraçamento inusitado das bitolas de Super-8, 16 e 35 milímetros, instigando um diálogo cuja expansão os exibidores tradicionais nunca haveriam de permitir. Mais tarde, a Jornada abriu-se ao vídeo, às relações internacionais, à discussão sobre

novas tecnologias.

Entre tantos espaços alternativos, houve sempre um lugar para o prêmio da OCIC, que hoje eu tenho a honra de representar. Somente essa profunda identidade com o melhor do pensar e do fazer o cinema brasileiro, que os outros festivais nacionais não souberam forjar, explica os êxitos e a continuidade da Jornada nesses anos todos.

BERNARD
RESTAURANT FRANÇAIS

VENHA NOS VER
DE ROUPA NOVA
E COM NOVAS OPÇÕES
GASTRONÔMICAS

*32 anos com o
mesmo molho.
Uma questão
de requinte*

GAMBOA DE CIMA, 11
Fone: (071) 321-9402